



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

11 | 2012

Ponto Urbe 11

Etnografia da atuação de entidades sociais na região da Luz

Enrico Spaggiari, Weslei Estradiote Rodrigues e Isadora Zuza da Fonseca



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1143>

DOI: 10.4000/pontourbe.1143

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Referência eletrónica

Enrico Spaggiari, Weslei Estradiote Rodrigues e Isadora Zuza da Fonseca, « Etnografia da atuação de entidades sociais na região da Luz », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1143> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1143

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Etnografia da atuação de entidades sociais na região da Luz

Enrico Spaggiari, Weslei Estradiote Rodrigues and Isadora Zuza da Fonseca

AUTHOR'S NOTE

Pesquisa coordenada por Heitor Frúgoli Jr. no âmbito do GEAC (Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade) e desenvolvida com o apoio do CNPq (Projeto Universal, Edital MCT/CNPq 14/2008, 2008-2010). Participaram dessa linha de investigação Weslei E. Rodrigues, Isadora Z. da Fonseca, Enrico Spaggiari, Bianca B. Chizzolini, Karina Fasson, Júlio C. Talhari e Heitor Frúgoli Jr.

- 1 Nesse artigo abordaremos as ações de entidades que atuam na região da Luz junto a diferentes públicos e segmentos da população local, para assim entender certas mediações estabelecidas com o contexto pesquisado. Desse modo, o objetivo é reconstituir etnograficamente esse campo de relações com base na perspectiva dos agentes mediadores vinculados às entidades pesquisadas, com o desafio de compreender as múltiplas dinâmicas urbanas e cotidianas que reconfiguram a região da Luz, marcada pela presença de uma multiplicidade de atores.
- 2 A análise etnográfica se voltará para dois eixos de atuação: a) o trabalho das entidades GMEL (Grupo Mulher, Ética e Libertação) e Pastoral da Mulher Marginalizada (ligada à Igreja Católica), que atuam junto às mulheres em situação de prostituição; b) a ação das entidades ligadas ao campo evangélico, como a CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) e a Igreja Batista. Para isso, procuramos acompanhar, identificar e analisar certas práticas espaciais, redes de relação locais e representações de uma série de entidades, ONGs e instituições – com vocações bastante diversas – que tecem aproximações específicas com certos atores sociais vulneráveis na região da Luz.

- 3 A proposta de pesquisar as diversas entidades de atendimento e apoio teve início com o trabalho de campo junto ao Centro de Convivência É de Lei, primeira entidade com a qual os pesquisadores do GEAC tiveram uma expressiva interação na pesquisa. A partir de uma investigação mais sistemática, amparada por uma observação etnográfica das redes de relações e conexões, Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010) abordaram as ações da É de Lei, entidade que atua na redução de danos junto a usuários de crack na região da Luz, mais especificamente no que se convencionou chamar de *cracolândia*. Os pesquisadores acompanharam o trabalho de campo¹ realizado pelo É de Lei em áreas de concentração de usuários de crack, as relações estabelecidas pelos agentes com os usuários, com outros atores locais (seguranças particulares, comerciantes, policiais, agentes de saúde e de entidades públicas), bem como a distribuição de insumos². Além do trabalho nas ruas da região da Luz, observamos também as atividades e serviços desenvolvidos pelos agentes do É de Lei em seu centro de convivência; trata-se de um espaço de interação para usuários de drogas, onde é proibido o uso e se promovem discussões e reflexões sobre práticas sexuais preventivas.
- 4 As primeiras observações de campo, ainda em outubro de 2007, após as primeiras demolições na região da Luz, confirmavam que as principais concentrações de usuários de crack não se restringiam à área pentagonal definida e divulgada – pela prefeitura e pela mídia impressa – como *cracolândia*, onde já se almejava alojar o projeto municipal Nova Luz (Prefeitura do Município de São Paulo, dez./2005). Para compreender tais dinâmicas urbanas e cotidianas na região da Luz, trabalhamos a ideia da *cracolândia* como uma modalidade de *territorialidade itinerante* (PERLONGHER, 1987 e 2005 [1988]), “o que significa situá-la numa certa área urbana, mas sujeita a deslocamentos mais próximos ou mais distantes, a depender do tipo de repressão ou intervenções exercidas, além das dinâmicas de suas próprias relações internas” (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).
- 5 Assim, o aspecto territorial não define por si só a *cracolândia*. Trata-se de algo sem um território fixo, mas tampouco deslocalizado; a *cracolândia* pode ser identificada nas áreas onde estão os usuários. Algo inclusive observado por Marina dos Passos Sant’Anna, então presidente e coordenadora do É de Lei em 2007: “... a *cracolândia* existe. Não é só um espaço geográfico. É o mundo do crack. São vinte pessoas em volta de você, fissuradas” (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).³ Como bem observa Taniele Rui (2012, p. 192), “como uma territorialidade itinerante e relacional, a sua identificação [da *cracolândia*] se dá pela corporificação dos usuários ou consumidores de crack, isto é, ‘a *cracolândia* é onde eles estão’ – simulacro mais que perfeito que mimetiza corpo e espaço”. Tal corporificação da *cracolândia* nos usuários de crack permite problematizar a categoria relacional noia, seus vários significados e como o termo é usado por diversos atores sociais num conjunto expressivo de situações.
- 6 A atuação do É de Lei é um exemplo de abordagem – centrada na perspectiva da redução de danos – dentre outras realizadas por várias entidades que trabalham com diversos atores sociais no contexto da região da Luz, como veremos nos próximos tópicos. Um olhar para outros tipos de abordagens no local permite perceber o quadro diversificado de entidades e agentes mediadores envolvidos nesse campo de relações, orientados por outras formas de organização, modelos de ação, práticas de intervenção, modos de se relacionar com o poder público e interesses específicos.⁴
- 7 Portanto, a partir de uma etnografia das ações de entidades que atuam junto às mulheres em situação de prostituição e de entidades vinculadas a diversas igrejas evangélicas que atendem diferentes públicos vulneráveis (sobretudo usuários de crack e moradores de

rua), procuramos observar não somente as divergentes e diferentes abordagens dos projetos pesquisados, mas principalmente compreender os motivos da concentração de tantas entidades mediadoras que atuam com o público marginalizado e vulnerável nessa região central da cidade.

2) “Eu venho da prática”: Cleone Santos e as entidades de apoio às mulheres em situação de prostituição

- 8 “Eu venho da prática, porque eu sou uma ex-prostituta”. Deste modo, Cleone Santos iniciou sua apresentação durante evento realizado pelo GEAC na FFLCH-USP, em 2009.⁵ Uma das principais interlocutoras da pesquisa, Cleone participa de diversos projetos relacionados à prostituição na cidade de São Paulo, principalmente na região da Luz, procurando sempre por meio dessas atividades atuar em defesa das mulheres em situação de prostituição.⁶
- 9 Em caminhadas com Cleone na região da Luz, foi possível perceber que ela é uma pessoa conhecida e solicitada.⁷ Além disso, intermediou o contato dos pesquisadores com agentes de outras entidades.⁸ Desse modo, vale ressaltar a importância da atuação de Cleone nas redes de relação aqui pesquisadas, tendo em vista que ela desempenha um papel fundamental de mediação entre agentes e contextos estudados.⁹ Neste artigo, analisaremos de forma mais detida o trabalho realizado pela Pastoral da Mulher Marginalizada e pelo Grupo Mulher, Ética e Libertação (GMEL), ainda que durante o acompanhamento do trabalho de Cleone também tenha sido possível observar atividades de outras entidades.
- 10 Cabe destacar o trabalho da Associação Viva Mulher, situada em um prédio na R. Senador Feijó, próxima à Pça. da Sé.¹⁰ A Associação desenvolve trabalho de geração de renda baseado em trabalhos de costura, como a criação de bonecas, colchas, almofadas e patchwork. O trabalho na rua com as mulheres em situação de prostituição é feito pelas próprias ou por ex-prostitutas que atuam como multiplicadoras, como Cleone e Maria. A atuação das multiplicadoras é dividida por região do centro da cidade, como Luz, Pça. da Sé e Parque Dom Pedro, regiões onde entregam preservativos, folhetos informativos e convidam para participar ou somente aparecer na sede. Todavia, na época da pesquisa, em 2009, não havia multiplicadoras realizando trabalhos na região da Luz. Maria, que faz campo na Sé, afirmou não gostar de ir à Luz, porque segundo ela, “lá só dá baixaria”. Posteriormente, a partir de 2010, uma participante da Associação começou a trabalhar nessa região.

Imagem 1



APRESENTAÇÃO TEATRAL DE EX-PROSTITUTAS NO PARQUE DA LUZ, SOBRE CUIDADOS NA PRÁTICA SEXUAL, EM EVENTO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO VIVA MULHER E PELO CENTRO DE INFORMAÇÃO À MULHER

FOTO DA PESQUISA DO GEAC – MAIO/2009

Imagem 2



APRESENTAÇÃO TEATRAL DE EX-PROSTITUTAS NO PARQUE DA LUZ, SOBRE CUIDADOS NA PRÁTICA SEXUAL, EM EVENTO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO VIVA MULHER E PELO CENTRO DE INFORMAÇÃO À MULHER

FOTO DA PESQUISA DO GEAC – MAIO/2009

- 11 Além disso, a Associação enfrentava então problemas financeiros.¹¹ Inclusive foi o principal tema discutido durante uma reunião que com as participantes da Associação. Logo no início da reunião, Maria, uma das fundadoras da entidade, comentou seu desejo pela continuação da Associação e pela manutenção de sua participação no grupo. Discutiu-se algumas questões burocráticas – a Associação estava registrada, mas faltava o CNPJ, que sairia em breve – e a possibilidade de incluir mais duas multiplicadoras, pois haveria recursos para o pagamento de transporte e de uma cesta básica. Em seguida, tomaram café e falaram sobre a vida pessoal das presentes: do desemprego de uma, do problema de saúde da irmã de outra, da separação conjugal do filho etc.
- 12 Ao final da reunião, Cleone convidou um dos pesquisadores a acompanhar o trabalho de campo que faria naquele dia, iniciado na Estação da Luz.¹²
- 13 Em frente à Estação da Luz, várias mulheres faziam paredão. Entre elas, apenas uma travesti. Na Estação da Luz, Cleone oferecia preservativos a algumas das mulheres que estavam lá, bem como para algumas travestis.¹³ Cleone aborda as mulheres diretamente, pergunta se querem camisinha e, se a resposta for positiva, ela pega de um saco e as entrega. A R. Mauá também estava bem movimentada. As abordagens com as mulheres foram bem pontuais, somente com poucas Cleone conversou e rapidamente: “como você está?” ou “como está a família?”. Algumas reclamaram da dificuldade de fazer programa e que a situação está piorando cada vez mais. Cleone conversou com uma mulher que pediu ajuda para arrumar emprego. Em seguida, na Pça. Júlio Prestes, em frente à Sala São Paulo, Cleone comentou que em dia de espetáculo aumenta o número de policiais e a

população – “percebida como lixo”, segundo Cleone – é retirada dali, a praça é varrida, mas depois tudo voltava ao normal. Era começo da noite, estava escuro, e a praça estava tomada por usuários de crack, bem como a calçada em frente à antiga rodoviária. Em seguida, passou uma viatura policial perto da praça. Alguns usuários começaram a se levantar e a reclamar. A viatura encostou na calçada da antiga rodoviária, parou e fez todos ali colocarem a mão na cabeça, de frente para a parede. Cleone procurou uma garota, mas não a encontrou. Contou que um dia desses, essa, por sua vez, dissera: “Oh Cleone, não vai se esquecer de mim porque agora virei noia!”. Cleone disse que isso a marcou. Relatou ainda o caso de uma garota que chegou à *cracolândia* e que era bonita, mas que agora, com treze anos, não fala mais coisa com coisa, está uma “caveira” e ainda por cima grávida. Contou também que o filho de uma vizinha em Diadema estava usando drogas e a mãe o trouxe à Luz para uma espécie de tratamento de choque. Por fim, o garoto aceitou fazer o tratamento para dependência. Cleone comentou que disse à vizinha que ou essa técnica do tratamento de choque dava certo ou dava errado e que, neste último caso, ela estaria ensinando o caminho para ele – “o caminho da *cracolândia*”.

- 14 No caminho de volta pela R. Mauá, em direção à Estação da Luz, Cleone parou na pracinha da R. Gal. Osório, defronte ao prédio da Estação Pinacoteca, onde três policiais da Guarda Metropolitana abordavam uma garota que devia ter no máximo 14 ou 15 anos. Um policial segurava os braços da menina pelas costas, procurando alguma coisa que estava no chão. Logo depois, chegou outro carro da polícia, reunindo mais de cinco policiais na praça. Cleone comentou que procura permanecer próxima à ação policial, fazendo uma espécie de vigilância, a fim de evitar abusos nessas abordagens. Na mesma praça, passou um menino enrolado num cobertor, com o rosto todo sujo. O garoto pediu o cigarro que Cleone estava fumando e ela entregou. Caminhando em frente ao Parque da Luz, Cleone comentou que é comum ficarem várias mulheres ao redor do parque depois que o mesmo fecha. Neste dia, estranhou que não houvesse ninguém. Um carro de reportagem do SBT chamava a atenção na entrada do parque. Antes de encerrar a caminhada, Cleone passou pela área demolida. Comentou que a maioria dos hotéis fechou. Afirmou ainda: “aqui é onde querem construir prédios para os ricos, mas você acha que eles vão querer morar aqui? Você acha que vão conseguir tirar toda essa população daqui?”.
- 15 A preocupação de Cleone com a questão do uso de crack na região na Luz também ficou evidente em outros trabalhos de campo que acompanhamos. Em um deles, como o céu ainda estava claro, por conta do horário de verão, Cleone sugeriu passar na R. Helvétia, ponto de concentração dos usuários de crack. Ela seguiu para a Pça. Júlio Prestes, pegando em seguida a Al. Dino Bueno, virando na R. Helvétia e retornando à praça pela Al. Cleveland. Neste trajeto, foi possível notar a presença de dezenas de usuários de crack.

2.1) “Ser mulher, ser humano, é o evangelho, é a nossa mística”: a Pastoral da Mulher Marginalizada

- 16 Segundo consta no site oficial da organização, a Pastoral da Mulher Marginalizada foi criada na década de 1960 pelo Bispo Dom Frago, após este ter tido contato na França com o projeto *Ninho*,¹⁴ voltado às mulheres em situação de prostituição. Ele convidou duas mulheres portuguesas para virem ao Brasil relatar as experiências do projeto, tendo reconhecido nesse trabalho um pensamento essencial da pregação de Jesus, segundo o qual as prostitutas e os cobradores de impostos serão os primeiros a entrar no reino dos céus.¹⁵ Segundo Maria Augusta, presidente da diretoria da Pastoral, esse pensamento

carrega a ideia de que as mulheres são marginalizadas e perseguidas, e as pessoas têm dificuldade de entender isso.

- 17 A Pastoral iniciou suas atividades na região Nordeste, e veio a ser reconhecida posteriormente pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – como Pastoral Social Nacional e registrada como associação somente em 1991. A Pastoral se localiza à R. Guilherme Maw, na altura da Pinacoteca do Estado de São Paulo, porém no lado oposto da Av. Tiradentes. Trata-se de endereço situado pela própria entidade como parte do bairro da Luz, o que também pode ser verificado no seu site¹⁶ e pela recorrente fala nativa “aqui na Luz”. A Pastoral desenvolve trabalho em outros lugares, como o Anhangabaú, Santo Amaro, São Miguel Paulista, Jardim das Oliveiras, mas, segundo Maria Augusta, “do meu conhecimento e do que eu escuto, o lugar que mais chamou e chama a atenção, e estamos aqui, é a Luz”. Por esse motivo que se justificaria a importância da presença da Pastoral na Luz, segundo ela – formada em Psicologia, e que iniciou seu trabalho como voluntária na entidade há mais de 10 anos.¹⁷ A presidente afirma, ainda, que passam pela casa em torno de 800 mulheres por dia: “uma presença muito forte da Pastoral, sempre foi e precisa ser assim”.
- 18 O trabalho da Pastoral junto às mulheres é, segundo Maria Augusta, fundamentado por um olhar que procura fugir de qualquer lição de moral: “A prostituição é uma violência, por isso não a consideramos profissão. Mulher prostituta é violentada, por isso marginalizada. E isso foram elas que mostraram para a gente”. Para ela, a maioria das mulheres tem família, são mães, educam com dinheiro ganho por meio da prostituição, porém escondem a situação.¹⁸ A presidente da Pastoral afirmou que nunca ouviu uma prostituta dizer que está nisso porque quer ou porque gosta. Portanto, para Maria Augusta, o importante é ter um “outro olhar”: “é isso que resgata, é conversar, coisa de psicólogo mesmo, construir a história, oferecer outros conhecimentos, além da prostituição, sem julgamento. Ser mulher, ser humano, é o evangelho, é a nossa mística”. Resgate esse que não traz exemplos apenas de superação, mas também de insucessos, como o caso, relatado pela presidente da Pastoral, de uma prostituta que havia se tornado uma agente multiplicadora, mas que tivera “uma recaída e entrara para o crime”, segundo Maria Augusta.
- 19 A Pastoral organiza encontros com diferentes temas de trabalho e palestras com a participação de advogados e psicólogos. Durante os encontros, discute-se a questão da prostituição, da formulação do conceito e também de sua ligação com o Evangelho. Às segundas-feiras, por exemplo, ocorre a leitura de passagens da Bíblia para que os participantes compartilhem o que entenderam e suas próprias experiências.
- 20 Técnicos, voluntários e religiosos compõem o conjunto de agentes que realizam o trabalho da Pastoral. Uma das características desse trabalho, segundo a presidente da associação, é que os agentes vão aos locais de prostituição. Na região da Luz, especificamente, os funcionários e voluntários, denominados “educadores”, realizam atividades no Parque da Luz, além de circular pelas ruas próximas, como as R. dos Gusmões e R. Mauá; dirigem-se também a outras áreas do Centro, como a Pça. da Sé e Parque Dom Pedro. Além de abordar as mulheres nas ruas, também realizam atividades em casas de prostituição, boates e cinemas. “A Pastoral vai até as mulheres, pois Jesus vai até as pessoas e isso está no Evangelho”, comenta Maria Augusta.
- 21 Foi possível acompanhar o trabalho de duas agentes da Pastoral, Márcia e Maria Filomena, no Parque da Luz em uma tarde de maio de 2010. A abordagem das mulheres no

Parque é dividida entre duas equipes, que percorrem áreas diferentes. A partir da entrada pelo acesso lateral da R. Prates, uma das equipes cruza o Parque em direção ao lado oposto e volta para o lado anterior, próximo a um pequeno coreto. No perímetro percorrido, as mulheres estão geralmente sentadas nos bancos do parque ou encostadas nas árvores, geralmente sozinhas, sendo que algumas conversam entre si.¹⁹ A dupla da Pastoral se aproxima e faz algumas perguntas. A dupla conhece algumas das mulheres de contatos anteriores no local. Perguntam se estão bem, como está a família e sobre o movimento no parque. Às desconhecidas, apresentam-se como membros da Pastoral, que estão ali para conhecê-las, para apoiá-las no que for possível, e procuram saber algumas informações sobre essas mulheres.

- 22 Em certo momento, entre as duas agentes, sentada num banco, estava Priscila, que concordou com a aproximação da dupla. Priscila²⁰ estava no Parque da Luz e na prostituição há seis meses. Mãe solteira de três filhos pequenos, recorreu à prostituição por razões financeiras, por indicação de uma colega do curso de auxiliar de enfermagem. Os filhos, quando está fora, ficam com uma vizinha. Priscila é baiana, nascida na cidade de Euclides da Cunha e quando veio a São Paulo ficou, no início, na casa de um tio. As agentes da Pastoral perguntaram se ela tinha vontade de voltar para lá e a resposta foi negativa. Priscila comentou que não gostava de morar lá e que tinha uma relação complicada com o pai. Quando perguntada sobre o movimento no parque, disse que muitas reclamam, mas para ela está bom, pois são sempre os mesmos homens que frequentam, e como ela está há pouco tempo ali, é considerada novidade e por isso procurada. Em seguida, perguntaram se Priscila não queria alguns saquinhos de sopa instantânea, que haviam conseguido de uma doação feita à Pastoral. Ela os pegou. Posteriormente, Marta comentou como havia sido positiva a conversa com Priscila, principalmente por terem conseguido criar certo vínculo, por meio do qual ela havia se permitido falar, por exemplo, sobre a relação com o pai.²¹
- 23 Outra mulher abordada foi Célia, já conhecida da dupla da Pastoral, que mora e trabalha na região da Luz há 27 anos. Célia vai ao Parque da Luz todos os dias, mesmo às segundas-feiras, dia em que o Parque fecha. Na conversa com as agentes, reclamou do movimento fraco naquele dia. Comentou sobre um amigo de longa data que conheceu na região da Luz e que a ajuda quando precisa, seja para levar alguma coisa a algum lugar ou mesmo para comer, por exemplo. Disse que é comum repartir uma marmita com outra mulher dali quando não tem dinheiro.
- 24 Sentadas em outro banco, Solange e Aninha conversavam. Amigas de longa data, trabalham como prostitutas na Luz há muito tempo. A dupla da Pastoral já as conhecia de contatos anteriores. Solange contou de forma emotiva e saudosa sobre a vida junto ao ex-marido, quando ainda não estava vinculada à prostituição. Comentou sobre a dor de viver uma separação e disse que não guarda rancores. Solange tem uma filha já casada, de quem nunca escondeu o que fazia e de quem não sofreu discriminação – na contramão, assim, de certa tendência das mulheres esconderem das famílias que são prostitutas. Comentou, também, que na prostituição se passa por situações muito desagradáveis e que às vezes os homens querem fazer coisas muito diferentes, pelas quais sente repulsa. Apesar das experiências ruins, orgulha-se de ser uma pessoa sem vícios. Encerrada a conversa, a dupla distribuiu as sopas instantâneas.
- 25 A última mulher abordada naquele dia estava sozinha em um banco, próximo a um dos coretos onde esporadicamente ocorrem apresentações artísticas. A dupla da Pastoral se aproximou, apresentou-se e ela se mostrou bem receptiva à abordagem. Preferiu não

contar seu nome. Mais nova, devia ter em torno dos 30, assim como Priscila e Maria Cristina, e negra, como Solange e Aninha. Contou que não tinha filhos e falou sobre a importância de se proteger no sexo contra doenças e gravidez indesejada. Apontou para um homem que, sorrindo, estava a rodeando; comentou, ainda, que ele sempre vai ao Parque da Luz, e às vezes leva o filho pequeno para passear; apesar de ser casado, só quer fazer programa sem camisinha. Relatou, também, que é comum que homens casados levem os filhos pequenos para passear e, enquanto estes dormem no carro, fazem programa no parque.

- 26 As agentes da Pastoral ressaltaram a importância do modo de abordagem estabelecido junto às mulheres, essencial para a possibilidade de contato e de criação de vínculo. Segundo elas, uma aproximação que deve ser humilde, olhos nos olhos e sem julgamentos, para que as mulheres não se sintam agredidas nem discriminadas. Ainda segundo a dupla, são mulheres como quaisquer outras, que não devem se envergonhar do que fazem e que merecem respeito e dignidade, que são também sofredoras e guerreiras na luta cotidiana. Percebe-se, assim, a “preocupação cristã” na fala da dupla, pois entendem que a prostituição foi a escolha adotada por aquelas mulheres como meio de sobrevivência. O que, para a dupla, justifica a ênfase da Pastoral em um trabalho de caridade voltado aos pobres, necessitados e vítimas de violência, com a entrega das sopas recebidas de uma doação feita à Igreja, bem como o desenvolvimento de atividades como oficinas de costura, por exemplo, apresentadas como possibilidade de alternativas de se obter renda.
- 27 Além do trabalho das equipes de agentes nas ruas da região da Luz, a Pastoral realiza atividades e oferece serviços às mulheres em casas de atendimento. João Silva trabalha na Pastoral desde 2001,²³ principalmente no contato com as mulheres na região da Luz, apesar de atualmente estar mais voltado ao trabalho com o GMEL. Por ter experiência de trabalho com movimentos populares, João Silva foi convidado pela Pastoral para coordenar duas casas de atendimento: uma na região da Luz, na R. Samuel Brenner, atrás do Parque da Luz; outra no bairro da Liberdade, na R. dos Estudantes.²⁴
- 28 A casa situada na Luz atende basicamente as mulheres do Parque da Luz e se diferencia da casa da Liberdade pelo tipo de frequência das mesmas; pode ser considerada uma “casa de passagem”, pois, segundo João, para as mulheres qualquer tempo fora do ponto poderia resultar em perda de clientes e mesmo “da chance da vida delas”. Nas casas são realizadas oficinas de beleza, cursos de costura, bordado, patchwork e tecelagem; exibem filmes e realizam festas e celebrações; fazem debates sobre cidadania e direitos políticos; são espaços onde elas podem conversar, descansar, tomar banho, lavar a roupa, tomar café; enfim, são oferecidas inúmeras atividades e serviços para que as mulheres fiquem mais tempo na casa.
- 29 A presidente Maria Augusta denomina estes espaços de “casas de acolhida”, onde os agentes e técnicos da Pastoral conseguem receber e ajudar as mulheres naquilo que necessitarem e dentro do que podem oferecer. Segundo Maria Augusta, as casas são espaços de escuta e de grupos, “são a continuidade da abordagem, são obrigatórias, sempre tem – é típico”, pois os agentes não podem atuar só na rua. Ela afirma, com base na experiência e observação do trabalho realizado, que o espaço de acolhida traz mais efeitos e propicia mais transformações do que o contato nas ruas da cidade. Segundo João Silva, coordenador do trabalho nas casas de atendimento, um ponto positivo do trabalho desempenhado é a aproximação de mulheres que competem entre si no cotidiano da rua,

- o que traz um conforto para elas, pois partilham dificuldades em comum, como a cafetinagem, que não seria um problema isolado.²⁵
- 30 Contudo, para João Silva, que também já participou das atividades nas ruas da região da Luz, ainda que as casas ofereçam oportunidades únicas para o trabalho com as mulheres, a opção pelo foco na prostituição de rua como objeto de trabalho é fundamental, pois geralmente as mulheres que estão na rua são aquelas das camadas mais populares. O trabalho "na rua é complicado", comentou João, por isso os educadores recebem um treinamento, como por exemplo, orientações de como abordar uma pessoa desconhecida, de não se aproximar quando estão com um cliente e de como evitar trocar o nome das prostitutas, pois geralmente as mulheres têm um nome próprio para a rua – Neginha, Priscila, Índia, Paraná. João Silva lembra, também, que sempre há mulheres novas e elas constantemente mudam de ponto, rodam: “mulheres guerreiras, faça sol e faça chuva, elas estão nos pontos”.
- 31 O trabalho religioso desenvolvido pela Pastoral é alvo de muitas críticas. Cleone, por exemplo, discorda da posição da entidade em algumas questões como prostituição e aborto. Por isso, acredita ser complicada sua inserção ali, embora já tenha sido convidada para participar de eventos da Pastoral (um deles, inclusive, com a presença do Padre Marcelo Rossi). Para Cleone, a Pastoral da Mulher Marginalizada trata as prostitutas como vítimas e coitadas. Ela critica, ainda, a abordagem assistencialista da entidade nos trabalhos no Parque da Luz, como a entrega das sopas instantâneas. João Silva, que saíra recentemente da Pastoral, também discorda da distribuição de sopas. Ambos relataram uma pesquisa a respeito do ganho mensal das prostitutas, segundo a qual as mulheres em situação de prostituição têm uma renda mensal acima de R\$2.000 por mês. “Diante desse valor, por que as mulheres trocariam a situação atual para ganhar menos fazendo colcha, costurando?”, comentou João, que também falou da necessidade de fazer projetos voltados às mulheres pobres e mais velhas, já que estas realmente não obtêm ganhos significativos com a atividade.²⁶ Ser mulher e ser pobre, uma dupla estigmatização que acompanha as prostitutas, conforme observou Moraes (1995, p.32).
- 32 A presidente da Pastoral, Maria Augusta, não concorda com as críticas sobre a vocação religiosa das intervenções da entidade. Para ela, é comum encontrar a “Cidinha”, ou seja, a imagem de Nossa Senhora da Aparecida nos locais de prostituição – zona, bordel, casa – a quem rezam, pedem a Deus: “As mulheres têm sua religiosidade, não precisam ser da Igreja, têm sua reza, têm Deus. Isso está no imaginário delas”. Segundo Maria Augusta, em épocas de Natal e Páscoa, as equipes da Pastoral fazem celebrações, não necessariamente missas, e “elas [mulheres em situação de prostituição] gostam disso”.

2.2) Para além de “um grupo de religiosos que falava por nós”: GMEL - Grupo Mulher, Ética e Libertação

- 33 Desse posicionamento crítico em relação ao trabalho realizado pela Pastoral surgiu uma nova entidade de atendimento e apoio às mulheres em situação de prostituição. Criado por Cleone Santos e mais uma amiga, o Grupo Mulher, Ética e Libertação (GMEL) nasceu a partir de uma série de discussões dentro da Pastoral da Mulher Marginalizada entre as prostitutas, acerca da regulamentação da profissão, pauta presente inclusive no Plano Nacional dos Direitos Humanos, debatido pela entidade.

- 34 Segundo Cleone, apesar de as mulheres serem favoráveis à regulamentação, pouco sabem sobre a proposta e pouco discutem sobre os impactos possíveis, o que para ela representa uma grande contradição: “eu não sabia, olhava para o projeto e não via nada, era um amontoado de palavras que não significava nada para mim, mas ao mesmo tempo significava tudo, porque era a regulamentação de uma prática que eu tinha”.
- 35 A partir dos debates acerca da regulamentação, do porquê e como cada uma chegava à prostituição, as mulheres envolvidas concluíram que essa proposta era contrária aos seus interesses e viria a legitimar na realidade a exploração da prostituição como negócio, considerada crime inclusive, e o cafetão, de explorador tornar-se-ia patrão. Além disso, Cleone argumenta que a aprovação dessa proposta representaria um modelo estatal perigoso de controle de uma população vulnerável e estigmatizada: “para nós, era uma forma de colocar todo mundo em um gueto novamente, como já houve na Luz, quando na região do Bom Retiro era uma zona onde as mulheres ficavam segregadas naquele cantinho”.²⁷
- 36 Concluíram também que era importante tomar parte dessas discussões como protagonistas, e buscaram conversar com mais mulheres em situação de prostituição e não, na ótica do grupo, profissionais do sexo. A percepção da importância e do desejo de se tornarem sujeitas ativas nas discussões consideradas relevantes, como a posição contrária à regularização da prática da prostituição como profissão, colaborou com o questionamento por parte das mulheres envolvidas na Pastoral da sua participação e da relação estabelecida com a entidade, vista como “um grupo de religiosos que falava por nós”, conforme Cleone, o que efetivamente contribuiu para criação do GMEL.
- 37 Segundo Cleone, “Assim começou o GMEL: duas malucas que saíram correndo, buscando uma resposta para uma coisa que não estavam entendendo”. A entidade tem como principal objetivo o trabalho com as mulheres em, ou que estiveram em situação de prostituição e em situação de vulnerabilidade à prostituição, na perspectiva de mobilizá-las, articulá-las e formá-las, inclusive como agentes multiplicadoras, para a questão da promoção de direitos nas áreas de saúde, educação, habitação, lazer, trabalho, segurança e formação.²⁸
- 38 Na época da etnografia, o GMEL era composto por dez multiplicadoras locais espalhadas pelo país, sendo duas representantes de cada região, organizadas na forma de colegiado. De acordo com Cleone o primeiro local e foco do trabalho do grupo foi a Luz: “primeiro, por eu ter trabalhado lá por algum tempo; segundo, pelas necessidades que tinham”. Relatou que na época havia outros grupos que se propunham a trabalhar com as mulheres na região, porém tinham, na sua opinião, um aporte muito teórico e distante: “não conheciam a realidade daquelas mulheres. Não viam como necessidade a conversa, a convivência, a relação de confiança, então, a partir daí, nós começamos uma discussão: como trabalhar?”. Segundo Cleone, isso se deu através de um corpo a corpo cotidiano, na tentativa de conquistar e estabelecer um vínculo, uma relação de conhecimento, empatia e confiança ao longo do tempo, que possibilitasse uma potência maior de transformação e de abertura para novas perspectivas de e para a vida.
- 39 A atuação do GMEL permitiu que o grupo ganhasse destaque na discussão sobre a prostituição no Brasil, tornando-se reconhecido nacionalmente, inclusive com acesso facilitado a alguns parlamentares em Brasília, na disputa, por exemplo, pela não profissionalização da prostituição. Como lembra Cleone, “cada vez que o projeto ia para discussão, alguém em Brasília nos avisava e nós íamos para Brasília tentar derrubar a

aprovação”. Mas não seria apenas uma prática de resistência, mas também de proposição de projetos e políticas públicas, como quando Cleone relata a defesa vitoriosa de projeto cuja proposta é a de formar em nível nacional as mulheres na área de hotelaria, turismo, combate ao tráfico de mulheres e à exploração sexual, tendo em vista os Jogos Olímpicos de 2016, em um edital promovido pela Secretaria de Políticas Públicas.

- 40 A atuação em escala nacional do GMEL, porém, não desvia a preocupação de Cleone com as intervenções que vêm sendo feitas na região da Luz. Ela defende que pode haver melhorias na região sem a expulsão da população local. A atuação do Estado é muito criticada por ela, para quem a retirada e dispersão dos usuários de drogas e prostitutas para outras áreas do Centro é uma forma de “esconder o problema embaixo do tapete”: “nós andamos 250m e vemos que a cracolândia continua ali [...] Então, na medida em que vão aparecendo esses guetos no Centro, eles, o governo, vão empurrando para frente, para esconder”.
- 41 Segundo Cleone, a maioria das famílias que morava nas casas e prédios demolidos na região da Luz se deslocou para bairros periféricos após terem recebido pequenas indenizações; outras seriam hoje moradoras de rua. Para a agente, a mudança para os bairros mais afastados implicaria uma alteração radical na rotina de trabalho, pois “a maioria trabalhava no Centro, fazia tudo ali, ganhava muito pouco, um salário baixo, e indo para a periferia não dá conta de pagar o transporte para trabalhar no Centro, e perde o emprego”.
- 42 Segundo Cleone, cerca de 50 prostitutas moravam nos cortiços alvos da demolição e passaram a pagar para dormir nos “hoteizinhos”.²⁹ Porém, para ela, grande parte das mulheres, com as gradativas mudanças provocadas pela tentativa de implementação do projeto Nova Luz, vem aos poucos se retirando da região. Mencionou que após a inauguração da Sala São Paulo, as prostitutas que faziam ponto na Pça. Júlio Prestes se retiraram daquele espaço. Antes, segundo ela, havia muito mais mulheres na Estação da Luz. Apontou, ainda, a criação do Museu da Língua Portuguesa como um foco de afastamento e expulsão das mesmas. Sexta-feira, segundo ela, não fica quase ninguém na Estação, pois é o dia em que há eventos no Museu e a polícia tira todo mundo.
- 43 Para João Silva, as mudanças do projeto Nova Luz no bairro têm sido lentas na região central porque “o governo não sabe o que fazer com a população que está aqui”. O agente citou, entre as várias mudanças, a abertura de espaços culturais, como o Centro Cultural Banco do Brasil, a Galeria Olido, o Museu da Língua Portuguesa; a abertura de clubes e áreas de entretenimento como o Lions e o Clube Royal; a desativação dos albergues e do Centro de Atendimento às Profissionais do Sexo.
- 44 Cleone comentou também sobre a relação entre prostitutas e comerciantes da região, principalmente donos de bares e restaurantes. Segundo a agente, o horário de funcionamento dos bares da região mudou: “agora fecham cedo, antes da meia-noite. Antes, eles ficavam abertos à noite toda”. Cleone relatou que os donos dos bares, principalmente os antigos (pois houve troca de proprietário em muitos), não permitiam que as prostitutas permanecessem por muito tempo nos estabelecimentos; eram convidadas a se retirar ou, em muitos casos, colocadas para fora de maneira bruta.
- 45 Na avaliação de João Silva, porém, algo mudou e agora existe uma resistência no Centro por parte das populações marginalizadas – travestis, drogados, prostitutas, “as pessoas que não querem morar em outro lugar”. Segundo ele, há uma população vulnerável que permanece no Centro por causa dos serviços disponíveis, dos restaurantes que doam

comida e do esvaziamento à noite: “Estão há muito tempo no Centro as prostitutas, as travestis, os gays na R. Vieira de Carvalho. Essa população que sustenta o Centro: se tirarem as prostitutas, os gays, o que seria dos bares, dos hotéis?” Para João, há toda uma rede de serviços no Centro e muitas pessoas dependem economicamente dessa população direta ou indiretamente, como os salões de cabeleireiro, os proprietários de quitinetes que alugam para as travestis, as pensões, além dos táxis que se beneficiam inclusive da clientela da prostituição.

- 46 Ambos os agentes duvidam da concretização dos planos da Prefeitura de reinserção das camadas com maior poder aquisitivo nas áreas da região da Luz. Durante uma das caminhadas por tal região, Cleone afirmou: “aqui é onde querem construir prédio para os ricos; mas você acha que eles vão querer morar aqui? Você acha que vão conseguir tirar toda essa população daqui?”. Isso foi também levantado por João Silva, para quem o poder público não busca o diálogo, pois a negociação é realizada por empresários e construtores: “que garantias você tem que essas pessoas querem morar aqui? Eu gosto do Centro, aqui tudo é fácil e ninguém perturba. A burguesia, para se instalar, precisa limpar tudo”.

3) Abordagens cristãs: CENA e Primeira Igreja Batista

- 47 Até aqui acompanhamos os trabalhos de duas entidades que promovem ações e formas de apoio às mulheres em situação de prostituição pautadas, inicialmente, por uma posição comum contrária à regulamentação da profissão, mas que seguem princípios e modos de atuação divergentes – principalmente pelo fato do GMEL se distanciar da ênfase religiosa e assistencial da Pastoral –, ainda que não possam ser compreendidos como projetos opositivos. Já nesse terceiro tópico, abordaremos a atuação de duas entidades ligadas a igrejas evangélicas, voltadas ao desenvolvimento de trabalhos concentrados não somente no atendimento e auxílio aos usuários de crack e outros públicos vulneráveis que compõem a população local da Luz, mas também em tentativas de conversão religiosa desses atores sociais.³⁰

3.1) “Resgate, restauração e reintegração”: Comunidade Evangélica Nova Aurora (CENA)

- 48 O primeiro contato com a CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) aconteceu em 2008, quando conhecemos Felipe, catarinense que está em São Paulo desde 2003. Filho de missionários da Igreja Evangélica Livre – “igreja para todas as raças”, ressaltou Felipe, surgida na Alemanha com 35 bases no Brasil –, ele era à época missionário da missão CENA com sede na região da Luz.³¹ Felipe fazia parte da missão há quatro anos e meio, e estava prestes a ir para a Alemanha no início de dezembro daquele ano para se casar com uma pedagoga que desenvolve um trabalho junto a crianças com deficiência. Ele é descendente de alemães por parte de pai e mãe, mas disse que pretendia voltar ao país depois do casamento.
- 49 Inicialmente, Felipe reconstituiu a criação da missão CENA. A Comunidade teria surgido a partir da iniciativa de duas mulheres que vendiam doces na rua e evangelizavam mulheres em situação de prostituição. Elas então passaram a organizar, 23 anos atrás, um encontro numa borracharia. Na R. Gal. Osório, a CENA começou a tomar maiores proporções, passando a assistir outros públicos. Trata-se de uma missão evangélica

interdenominacional, ou seja, que aceita a participação de diferentes igrejas evangélicas. Ele situou a CENA em oposição à Igreja Católica, afirmando que esta última sempre teve um papel elitista, deixando assim de cuidar de moradores de rua ao atribuir tal tarefa ao Estado.

- 50 Segundo Felipe, a missão da CENA, por sua vez, tem três trabalhos: “resgate, restauração e reintegração”. O primeiro estaria presente nas atividades que desenvolvem na associação, no Clube Esperança Nova Aurora, que fica na R. Gal. Osório, dentre elas alimentação, albergue, atividades esportivas e alfabetização. As pessoas que decidem sair da rua e se comprometem com a atividade podem ir para a fazenda em Jucituba, que atende homens e mulheres, mas que não está autorizada a atender crianças. Por fim, na reintegração, famílias se oferecem para receber esses assistidos em suas casas, bem como apoiar para a recolocação profissional e retorno aos estudos. Durante a semana, os dias também são divididos de acordo com a tarefa: quarta-feira, trabalho com as crianças de rua; quinta-feira, trabalho com as crianças da região central; domingo às 19 horas, culto.
- 51 A missão não tem qualquer tipo de ligação com a Prefeitura de São Paulo; para Felipe, existem muitas coisas erradas por detrás de trabalhos sociais na esfera pública. A CENA não gera lucro em nenhuma das suas etapas de trabalho, por isso depende constantemente de doações, e alguns dos missionários, dentre eles Felipe, não recebem salário e também dependem de doações. Diversas igrejas evangélicas ajudam a manter a CENA, cujo objetivo é, segundo Felipe, “dignificar o ser humano”, e não apenas retirar da rua, ou oferecer comida e abrigo. Felipe afirmou que os missionários lutam para manter esse ideal inicial, pois querem garantir a reintegração social e o desenvolvimento espiritual dos assistidos.
- 52 Felipe morava na própria associação, em um pequeno quarto dentro de uma das salas de aula. E era durante a noite, quando quarenta homens podiam dormir no albergue e outros dormiam na porta da associação, que o contato com os assistidos era melhor; muitos deles se sentiam protegidos dormindo na frente da missão, que já naquele momento possuía um portão de ferro.
- 53 Entre os casos de assistidos na associação descritos por Felipe, vale destacar o trabalho junto aos *noias*. O agente da CENA afirmou que a maioria utiliza crack, mas também maconha e cocaína. De noite, a concentração de *noias* chegaria a 200, até 400 pessoas usando crack, segundo o membro da CENA. Há também os alcoólatras, e uma rixa entre eles e os *noias*. Os alcoólatras, assim como os *noias*, andam em grupos e estes últimos têm como costume compartilhar tudo o que possuem.
- 54 Ao comentar sobre atendimento da CENA aos públicos assistidos, Felipe relatou os casos de outros missionários, como Francisco e Ricardo, que antes foram moradores de rua e usuários de crack. Assim como eles, outros teriam se recuperado na missão. Citou ainda o caso de Seu João, um morador que vivia na rua por opção. Os missionários já teriam tentado incluí-lo nos programas da CENA, mas ele não aceitara e preferira ficar na rua.
- 55 Para além do contato com Felipe, e com o lado institucional da missão, foi possível, em algumas oportunidades, acompanhar as ações durante o trabalho de assistência. Abaixo, apresentamos um breve relato de campo que aborda o trabalho de outros missionários que organizavam diversas atividades na missão. O relato traz a descrição da prática assistencial realizada pela entidade:

A missão estava cheia, pois era dia de distribuição de refeição e de doação de roupas para o banho. Uma longa fila se formava do lado de fora, e aos poucos as pessoas, que identificamos a princípio como moradores de rua, iam dando seus nomes,

entrando, pegando uma cadeira de plástico e se sentando na quadra de esportes. Como todos ali presentes, pegamos uma cadeira e nos juntamos ao numeroso grupo, em uma mesa com outros três assistidos. Algumas pessoas eram bem comunicativas, muitos claramente se conheciam, cada rosto familiar que chegava era recebido com cumprimentos, abraços e brincadeiras. A nossa mesa estava quieta, possivelmente pela nossa presença. Havia em torno de cinquenta a sessenta pessoas na quadra. Dentre estas, no máximo dez mulheres. Quando um missionário passou a proferir a “palavra”, antes da distribuição da refeição, a desatenção e o desinteresse eram manifestos. Uns conversavam durante a leitura de passagens da Bíblia, outros riam, outros dormiam. Havia um grupo em um canto, quatro ou cinco pessoas, que, de pé, e com as mãos juntas como em uma oração, cantavam e oravam junto com os demais missionários. Embora nem todos prestassem atenção ao que era dito, alguns cobravam entre si respeito pela cerimônia. Um era recriminado por ter tirado a camisa, o outro por não parar de falar alto. O próprio missionário, que já fora morador de rua, procurava por vezes adverti-los com a mesma linguagem. Enfim, a comida chegou. A refeição foi servida em pratos e talheres de plástico. Após a mesma, os que não queriam tomar o banho podiam ir embora, e aqueles que quisessem deveriam ir até o saguão de entrada. A partir de então, alguns deles perguntaram-nos o que fazíamos, enquanto outros falavam coisas engraçadas entre si, como se fosse uma espécie de interação indireta com os pesquisadores.

- 56 O relato exposto acima ajuda ainda a compreender o trabalho realizado pela CENA, voltado a uma intervenção junto a diferentes atores sociais vulneráveis do centro de São Paulo, e cuja proposta assistencial de recuperação de tais atores é pautada por uma forte orientação religiosa, que aposta na tríade "resgate, restauração e reintegração" como mote da ação direcionada aos assistidos. Inclusive quando atende um público em situação de risco, tal como as crianças que frequentam a escolinha de futebol da entidade e que tiveram contato com o tráfico local de drogas, a orientação religiosa é percebida como aquela que atribui sentido aos seus esforços.
- 57 Contudo, vale lembrar, que a atuação da CENA deve ser também compreendida em relação ao posicionamento crítico da entidade frente aos projetos do poder público, às ações policiais e à presença de outros agentes na região. Para Felipe, as mudanças do Centro têm que ser pensadas tendo em vista os moradores e não apenas a demolição de casas e estabelecimentos comerciais.³² A região da Luz, segundo o missionário, é um lugar de vivência, de práticas e problemas que, em sua concepção, não podem ser sanados com as demolições.
- 58 Algumas dessas questões serão retomadas no próximo tópico, dedicado aos trabalhos sociais realizados pela Primeira Igreja Batista na região da Luz.

3.2) Da cracolândia à Cristolândia: Primeira Igreja Batista e as intervenções no espaço público

- 59 A pesquisa com os integrantes da Primeira Igreja Batista em São Paulo (PIB-SP) teve início de forma casual, durante uma de nossas costumeiras caminhadas pela região da Luz. Era por volta das três horas da tarde, tínhamos combinado de nos encontrarmos com uma moradora de um condomínio da região, Dona Norma, figura constante da pesquisa realizada com moradores.³³ Chegamos com bastante antecedência ao encontro e, por isso, decidimos andar para observar as recentes demolições promovidas pela prefeitura. Era setembro do ano de 2009, um momento delicado para a região da Luz. O primeiro semestre daquele ano havia sido de decisões cruciais para o desenrolar das políticas pensadas para o local pelo poder público. Tal como indicam Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010),

em meados do primeiro semestre de 2009, um projeto polêmico de ‘concessão urbanística’ fora aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo e sancionado pelo prefeito em 7/5/2009 – com previsão de desapropriação de dezoito quarteirões na região do Centro (cerca de 600 imóveis) através da participação da iniciativa privada.

- 60 Sabíamos que, dadas as circunstâncias de agitação ocasionadas pelo conflito de interesses entre prefeitura, moradores, comerciantes, ONGs e outros agentes interessados atuantes no local, poderíamos nos deparar com algo peculiarmente significativo em termos de práticas e situações. Foi nesse contexto especialmente denso que notamos um conjunto peculiar de tendas montadas na Pça. Júlio Prestes, bem em frente à estação, repleta de pessoas com roupa amarela, uma espécie de uniforme.
- 61 Aproximamo-nos das tendas aos poucos. Antes de abordar as pessoas que lá estavam, observamos que realizavam diversas atividades, sobretudo com moradores de rua, mas também com transeuntes que se aproximavam: enquanto alguns pintavam com tinta colorida os rostos de crianças e faziam esculturas com balões de ar para diverti-las, outros conversavam e aconselhavam os adultos que esperavam para receber serviços básicos de higiene, tais como cortes de cabelo, barba e unhas.
- 62 Ao nos aproximarmos, logo fomos interpelados por algumas das pessoas de traje amarelo. Nas camisetas e bonés que vestiam estava estampado “Radicais Brasil”. Flaviana foi com quem primeiro conversamos. Quando então nos perguntou sobre o motivo de nosso interesse, dissemos que, embora passássemos constantemente por aquela área, nunca havíamos notado aquelas tendas. Explicaram-nos que aquele trabalho acontecia apenas às quartas-feiras e que, talvez por isso, não tivéssemos ainda notado sua presença. Assim que percebemos se tratar de um tipo de prática assistencial, procuramos entender melhor o gênero da ação ali empreendida. Flaviana explicou-nos que aquelas pessoas uniformizadas eram todas membros da Primeira Igreja Batista, com sede na Praça Princesa Isabel, ali nas proximidades. Naquele instante ofereceu-nos um cartão com o endereço da igreja e pediu para que fôssemos lá um dia se tivéssemos realmente interesse em conhecê-los.
- 63 Voltamos posteriormente, em outras quartas-feiras, para encontrá-los com seu trabalho em meio à Pça. Júlio Prestes. Na visita seguinte, a conversa se desenrolou de tal modo que fomos apresentados aos mentores do que eles passaram a denominar “projeto”. Sem demorar muito, apresentamo-nos como pesquisadores e explicamos nossos intuítos de pesquisa. Não encontramos mais a voluntária Flaviana e nossos interlocutores passaram a ser fundamentalmente três: o voluntário Rafael, o Pastor Humberto e sua esposa Soraia.
- 64 Procuramos então estabelecer um contato regular e constante com esses agentes. A continuidade desse vínculo de pesquisa revelou-nos um processo de emergência de um modelo assistencial de cunho religioso cristão que se interpunha entre os demais modelos em curso naquele espaço. Daquele momento em diante procuramos acompanhar o planejamento do grupo, buscando entender que modelo de ação preconizavam e que concepções adotavam acerca dos usuários de drogas, bem como as aceções sobre o local.
- 65 Desde a segunda visita às tendas, fomos recebidos algumas vezes por Soraia, que se apresentou como coordenadora do projeto. Quando demonstramos interesse para saber os intuítos de suas ações, ela sentiu-se estimulada a contar e, entre as tarefas com que se ocupava, narrou para nós como teria surgido a iniciativa de um trabalho com os moradores de rua da região.

- 66 Segundo ela, o projeto “Radicais Brasil” é algo anterior ao trabalho por eles idealizado para a região da Luz. É algo relativo às formulações da coordenação nacional da igreja. No entanto, em certa ocasião, a unidade da PIB da Praça Princesa Isabel recebeu a visita do coordenador nacional da junta que administra esse projeto. Ele teria ficado bastante entristecido com a quantidade de pessoas em péssimas condições, consumindo drogas em grupo e na rua. Por esse motivo, quando por ocasião do culto religioso que conduziu durante sua passagem por São Paulo, conclamou as pessoas que frequentam aquela unidade da PIB ao engajamento no voluntariado promovido pela igreja porque, nas palavras de Soraia, citando o coordenador da “Junta de Missões”,³⁴ eles “não poderiam ficar indiferentes a um problema tão grave em seu próprio quintal”. Soraia demonstrou concordar com a urgência de uma intervenção junto aos inúmeros usuários de crack nas imediações da igreja.
- 67 Desse modo, conforme nos explicou Soraia, o trabalho deles consistiria numa ação local no âmbito do projeto nacional assistencial da PIB. Pastor Humberto participou algumas vezes de nossas conversas e explicou, ao longo da interação intermitente que pudemos ter com ele, que na verdade o trabalho por eles esboçado planeja ser mais do que assistencial. Ele preferia, para definir as ações do grupo batista, usar termos como “salvação” e “conversão”. Para ele, o trabalho ali desenvolvido se distinguia de outros trabalhos porque, além da aproximação ocasionada pelo alimento oferecido, existiria um trabalho de “acompanhamento psicológico”, uma espécie de aconselhamento em que alguns usuários são motivados à internação em casas de recuperação por conta da PIB.
- 68 Alguns meses se seguiram durante os quais o contato mantido foi sobretudo no espaço público, no trabalho por eles realizado na praça, tendo por vezes ocorrido também na sede da igreja. No entanto, durante todo esse tempo, eles preparavam uma mudança substancial no que se refere ao modo de abordar os moradores de rua usuários de crack. Ao longo da pesquisa foi possível acompanhar as práticas desenvolvidas pelo esforço voluntário ligado à PIB, bem como o cunho de suas estratégias e abordagens no contexto local, de seus deslocamentos e apropriações do espaço, sobretudo no que se refere às relações com outros agentes naquele espaço.
- 69 Enquanto interagíamos, ouvíamos falar em um plano de mudança “logística”. Até o começo de 2010, seu método de abordagem consistia em oferecer cotidianamente um pequeno café da manhã aos usuários de crack e moradores de rua em um salão na sede da igreja. Essa prática, no entanto, encontrou problemas pouco explicados por eles. Diziam simplesmente “que não era o lugar adequado para aquele serviço”. Além disso, conforme já descrito, uma vez por semana instalavam-se em frente à Estação Júlio Prestes. Nessas ocasiões aproveitavam para interpelar os usuários que os procuravam para oferecer auxílio médico, internação e aconselhamento espiritual. Segundo Rafael, um dos voluntários do projeto, até o final de 2009 eles ainda realizavam a atividade de circular pelos quarteirões da cidade e “ir até eles [os usuários de crack]”.
- 70 No entanto, quando retomamos a observação no início de 2010, constatamos certas mudanças. Rafael e Pastor Humberto relataram algumas dificuldades para continuar o trabalho na praça devido à necessidade de autorização pela prefeitura. Desse modo, revelaram-nos que desde o final do ano anterior estavam reformando e preparando um enorme galpão para lhes servir de sede, e em 2010 fomos apresentados ao que eles nomearam de “Cristolândia”.³⁵ O galpão fica na Al. Barão de Piracicaba e foi alugado com o intuito de se tornar, nas palavras de Rafael, “o quartel general dos radicais”.³⁶

- 71 Rafael é ex-usuário de drogas. Afirma que nunca usou crack, mas se demonstrava extremamente incomodado com as situações a que o trabalho voluntário vinha lhe expondo. Dizia-se cansado daquelas tarefas e do ambiente da *cracolândia*. Por isso não permaneceu por muito mais tempo no serviço voluntário. A partir daí, nosso principal interlocutor passou a ser Gerson, que na organização do trabalho na Cristolândia ocupava o lugar de “missionário”. Gerson é pastor e detinha o respeito dos demais por estar há mais tempo dedicado ao projeto, como que hierarquicamente acima dos voluntários.
- 72 A partir de então, com a inauguração da Cristolândia, a abordagem mudou: eles não iriam mais até os usuários de crack, mas seriam procurados por eles. As caminhadas pelo entorno foram suspensas e era esperado que muito em breve a procura pelo trabalho assistencial na Cristolândia crescesse. O galpão foi preparado de tal modo que continha tudo de que precisavam para suas abordagens com os usuários de crack: possui uma elevação no fundo que, à semelhança de um palco, funciona como altar durante os cultos; tem vestiário para poderem banhar aqueles que os procuram; dispõem de mesas e cadeiras em abundância para servir o café da manhã que deixou de ser servido na sede da PIB e passou a ocorrer no amplo espaço da Cristolândia.
- 73 O galpão alugado e reformado foi o passo definitivo que precisaram realizar em seu projeto de “transformar a cracolândia em Cristolândia”.³⁷ É possível inclusive dizer que os desdobramentos da fixação de suas ações alterou parte da dinâmica de deslocamentos dos usuários de crack. A fundação da Cristolândia concentrou um número considerável de usuários de crack nas proximidades, sobretudo pelas manhãs, no momento de distribuição de café da manhã. Começamos a observar que, conforme a repressão policial aumentava, os usuários eram obrigados a se dispersar, mas que, assim que a repressão arrefecia, a Al. Barão de Piracicaba voltava a ser um ponto de aglomeração. No entanto, existe um movimento de mão-dupla, já que os organizadores do projeto também nos afirmaram terem escolhido aquele local para fixação por ser reconhecido por eles como o de maior concentração de usuários.
- 74 No entanto, o discurso dos voluntários, sobretudo o de Gerson, reafirmava constantemente a diferença do caráter do trabalho por eles desenvolvido. Era de extrema importância dizer que não se tratava meramente de “dar comida”, mas de uma ênfase na “abordagem”. Segundo ele, a CENA e outros grupos (que não detalhou) produziram certo mal-estar com abordagens agressivas e pouco cautelosas. É preciso antes “conquistar a confiança” do usuário.³⁸ Segundo Gerson, o importante é recuperar os usuários de crack e isso só seria possível por meio do encaminhamento para casas de reabilitação. Depois de algum tempo, a PIB já possuía sua própria clínica de reabilitação, para onde enviava os usuários que concordavam em experimentar o tratamento.
- 75 Sobre as mudanças que a adoção de uma sede representou para o projeto, podemos destacar que para eles os banhos e refeições eram apenas “iscas” para o objetivo de evangelizar. Pastor Humberto repetia sempre que o principal objetivo deles seria a criação de comunidades terapêuticas. Segundo ele, a Cristolândia seria uma “isca”, pois “dar comida todo mundo dá”.
- 76 Por fim, é importante reafirmar a existência de um discurso acentuadamente engajado. A aposta do grupo reside no fato de que somente a religião teria algum potencial transformador no cotidiano de usuários de crack. Isso significa tentar manter os usuários de crack dispostos a aderir a um tratamento o maior tempo possível longe das ruas. Para isso, o galpão, nesse planejamento, cumpriria uma função estratégica: espaço de

acolhimento ininterrupto, permitiria manter sobre aqueles que desejam se livrar do vício uma vigilância de tempo integral.

- 77 A Primeira Igreja Batista realiza, portanto, um trabalho de caráter religioso, cristão e evangélico, que procura intervir no espaço urbano segundo uma orientação que reivindica legitimidade frente a todo o espectro de intervenções locais e às práticas desempenhadas na região da Luz. Assim, sob a atuação da PIB reside uma certa concepção do espaço público e dos modos de sua apropriação.

3) Considerações finais

- 78 O quadro etnográfico até aqui apresentado, marcado pela diversidade própria dos contextos urbanos (FRÚGOLI JR., 2005; MAGNANI, 2009b), exige uma reflexão detida que procure articular, sem formulações apriorísticas, dois aspectos observados na pesquisa: a concentração de um número significativo de entidades não estatais – algumas delas de caráter assistencial e com vínculos religiosos –, bem como de pessoas em situação de vulnerabilidade na região da Luz.
- 79 Para buscar compreender esta e outras questões, a presente pesquisa amplia aspectos anteriormente tratados no artigo centrado na atuação do É de Lei e de outras entidades voltadas não só ao atendimento de usuários de crack na região, como também a outros atores sociais vulneráveis presentes na região da Luz (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010). A *prática e a experiência etnográfica*³⁹ permitiram observar que se trata de um contexto multifacetado e marcado por variações situacionais. Dessa forma, a relação estabelecida por cada uma das entidades revela a amplitude de públicos assistidos e enfoques acionados, como as que enfatizam o atendimento das mulheres em situação de prostituição, como o GMEL (Grupo Mulher, Ética e Libertação) e a Pastoral da Mulher Marginalizada; aquelas que buscam aproximações de caráter religioso com distintos grupos, como a CENA (Comunidade Evangélica Nova Aurora) e a Primeira Igreja Batista em São Paulo; entidades, como o Projeto Quixote ou a Fundação Projeto Travessia⁴⁰, voltadas ao atendimento de crianças em situação de risco em áreas da região central, incluindo a *cracolândia*; as que trabalham no campo da redução de danos (É de Lei) junto a usuários de crack.
- 80 Ao buscar alargar o espectro do trabalho anteriormente citado, ampliamos também a gama de entidades etnografadas, levando em conta seus modos de abordagem e o público por cada uma assistido. São modos de atuação que variam e ocorrem tanto nas próprias ruas da Luz (bem como em outras áreas do Centro) quanto em espaços de convivência de entidades, que podem ter um trabalho voltado a um público específico, como o caso do GMEL, cujo foco são as mulheres em situação de prostituição, ou mesmo entidades, como a CENA, que atende um público amplo de atores vulneráveis: crianças de rua, prostitutas, moradores de rua, travestis e usuários de drogas.
- 81 Ao lidar com essa variedade de atuações, constatamos regularidades, similaridades, diferenças e conflitos. Procuramos, portanto, realizar uma reconstituição etnográfica com ênfase nas relações e conexões estabelecidas pelos atores sociais, como pode ser percebido, por exemplo, na descrição das ações de Cleone Santos, que transita por entidades e espaços urbanos.
- 82 Ao observar esse campo de relações, podemos perceber que as entidades mediadoras reconhecem e avaliam as atuações umas das outras, bem como se situam perante as ações

do poder público e de outros agentes que atuam na região da Luz.⁴¹ Isso se constata, por exemplo, nas narrativas de Cleone que descrevem a formação do GMEL, fundamentalmente pensada a partir de críticas e discordâncias com relação à Pastoral. Lembramos, ainda, os posicionamentos observados na Cristolândia, em que registramos discursos que se constituem, entre outros elementos, por uma crítica à abordagem da CENA, considerada pelos Batistas como distanciada dos assistidos.⁴² Por parte da CENA, identificamos uma iniciativa que tem por princípio uma “recuperação” dos sujeitos por meio da religião. Em meio a esse trabalho destacam-se conflitos e posicionamentos políticos que, de certo modo, ajudam a constituir a região em suas relações. Conforme a interação com Felipe revela, as ações da CENA envolvem críticas à intervenção do poder público, à ação policial, bem como a práticas de outros agentes.

- 83 Contudo, mais do que disputas e conflitos, as redes de relação observadas expõem um contexto assinalado por mediações e pontos de contato entre agentes e entidades que compartilham uma questão central em seus respectivos trabalhos: a configuração social e espacial da região da Luz. Mais uma vez recorrendo a exemplos etnográficos, vale lembrar as formações ocasionais de alianças. As divergências em relação ao modelo assistencial da Pastoral, determinante para a formação do GMEL, não impedem Cleone e João Silva de tecer relações de trabalho com tal entidade religiosa.
- 84 Além disso, ainda que grande parte destas entidades não tenha o mesmo público como foco de atendimento, é importante realçar que há uma relativa fluidez entre os assistidos, visto que dentro desse campo de relações não é possível delimitar uma classificação unívoca para esse amplo corpo de atores sociais em situação de vulnerabilidade. Como vimos, uma prostituta atendida pelo GMEL ou pela Pastoral pode ser também usuária de crack e ser atendida na Cristolândia pelos Batistas, alimentar-se na sede da CENA, ou mesmo receber insumos dos redutores do É de Lei.
- 85 Observamos, também, que as entidades traçam diferentes relações e mediações com o poder público, haja vista a parceria informal e contingente que observamos entre os integrantes da Cristolândia e os agentes sociais e de saúde da Prefeitura, uma espécie de acordo que permite um trabalho conjunto de encaminhamento para albergues e clínicas de tratamento, sobretudo antes da conclusão do alojamento que vinha sendo preparado no galpão da Cristolândia. Portanto, as ações e interesses das entidades não estatais que atuam na região da Luz produzem convergências significativas, ocasionais e estratégicas, que se formam e se dissolvem no ritmo das contingências e relações, complexificadas pelo atendimento concomitante de diversos atores sociais.
- 86 Durante o desenvolvimento dessas associações, fugazes ou duradouras, ou mesmo durante a produção de distâncias pela diferenciação nos modos de agir, revelam-se certas práticas espaciais, usos e concepções do espaço praticado da cidade (DE CERTEAU, 1994 [1980]). A própria circulação dos agentes ligados às entidades é marcada pela realização de percursos regulares em que reconhecem pontos nodais de concentração de sujeitos em condição de vulnerabilidade, configurando trajetos estratégicos para suas ações e abordagens. Observamos durante nossas caminhadas que as agentes da Pastoral têm um conhecimento prático e localizado sobre os pontos de concentração das prostitutas no Parque da Luz. Esse mesmo tipo de conhecimento prático orientou a escolha da Praça Júlio Prestes para o início do trabalho dos Batistas, bem como a formação da Cristolândia na R. Barão de Piracicaba.
- 87 Por fim, destacamos que a questão do uso do crack é um tema de preocupação em todo o contexto pesquisado e marca fortemente a prática de todas as entidades abordadas nesse

artigo, ainda que apenas algumas destas trabalhem mais diretamente com usuários de crack, como o atendimento realizado pela Primeira Igreja Batista na Cristolândia. A etnografia com as entidades que atendem as mulheres em situação de prostituição permite perceber o aumento do consumo e do tráfico de crack entre as mesmas.⁴³ O que a maioria dos agentes aqui pesquisados aponta como comum na trajetória das mulheres que se prostituem é o uso de drogas. Segundo Maria Augusta, presidente da Pastoral, as drogas mais utilizadas seriam as mais baratas, “tudo o que se cheira ou se fuma”, sendo atualmente o uso do crack mais intenso e rotineiro, o que também aparece frequentemente nas falas de Cleone e João Silva. Segundo Cleone Santos, existem meninas a partir de oito anos e mulheres de até setenta anos que se prostituem na região da Luz, sendo que a maioria delas é usuária de drogas e se prostitui naquele espaço por R\$4,00 ou R\$5,00: “nós vemos crianças dependentes, escravas da droga e nós não podemos fazer muito, e aí essas crianças crescem e quando chega a maior idade, se tornam traficantes ou são usadas por eles”, afirmou Cleone.

- 88 Assim, foi possível perceber como as questões relacionadas ao uso do crack permeiam as ações assistenciais empreendidas pelas entidades não estatais aqui pesquisadas, bem como evidenciam as conexões entre a pluralidade de atores – agentes das entidades, usuários de crack, prostitutas, pastores, policiais etc. – envolvidos com um contexto multifacetado como a região da Luz, aqui compreendida enquanto um campo de relações e mediações marcado por diversas variações situacionais.

BIBLIOGRAPHY

ALMEIDA, Ronaldo. **Pluralismo religioso e espaço metropolitano**. In: MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo de (Orgs.). *Religiões e Cidades*. Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, pp. 29-50.

BACELAR, Jeferson. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

CARMO, Cláudio M.; SOUZA, E. M.; CUNHA, A. M.; MAIA, D. G.. **Da boca do lixo à boca do luxo: o cosmopolitismo das prostitutas da Daspu**. *Ipotesi (UFJF)*, v. 15, p. 151-158, 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994 [1980].

DE LUCCA, Daniel. **Sobre o nascimento da população de rua: trajetórias de uma questão social**. In: Robert Cabanes; Isabel Georges; Cibele Saliba Rizek; e Vera da Silva Telles. (Org.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia em São Paulo*: Boitempo, 2011. p. 317-336.

FONSECA, C. L. W. **A dupla carreira da mulher prostituta**. *Revista de Estudos Feministas*, v. 4, n. 1, p. 7-34, 1996.

FRÚGOLI JR., Heitor. **O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165. 2005.

- FRÚGOLI JR., H.; CHIZZOLINI, B. **Moradias e práticas espaciais na região da Luz**. In: Frúgoli Jr., H. (org.), Dossiê Luz, São Paulo. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 11, 2012.
- FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. **Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz**. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 6, p. 3, 2010. Disponível em <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MAGALHÃES JR, José. C. **As entidades sociais e o surgimento de uma gestão concorrencial do engajamento cívico**. In: R. Cabanes; I. Georges; C. Rizek; V. Telles. (Org.). Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo. 1ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 257-278.
- MAGNANI, José Guilherme C.. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, vol.15, n.32, p.129-156, 2009a.
- _____. **Religião e Metrópole**. In: MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo de (Orgs.). Religiões e Cidades. Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009b, pp. 9-28.
- MARQUES, Delcídes. **O culto na rua e a rua do culto: pregadores da fé na praça da Sé**. In: MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo de (Orgs.). *Religiões e Cidades. Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, pp. 195-206.
- MARTINS, Denise. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: FAPESP. 2003.
- MORAES, Aparecida F.. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1987.
- _____. **Territórios marginais**. In: Green, J. N. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Ed. Unesp, 2005 [1988], p. 263- 290.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RUI, Taniele C. **Corpos abjetos: etnografia em cenário de uso e comércio de crack**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UNICAMP: Campinas, 2012.
- SILVA, Hélio R. S.; MILITO, Cláudia. **Vozes do meio-fio: etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SILVA, Selma. L. **Mulheres na Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack**. Dissertação de mestrado. Departamento de Práticas de Saúde Pública da USP, 2000.
- SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. *Mana*, vol. 11, n. 2, p. 577-591. 2005.
- SIMÕES, Soraya S.. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010a.
- _____. **Identidade e política: a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil**. *Revista R@u*, v. 2, p. 24-46, 2010b.

APPENDIXES

Matérias da imprensa, documentos e outros

Folha de S. Paulo. **Cristolândia vira refúgio de dependentes após operação da PM.** 13/1/2012, São Paulo. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1033831-cristolandia-vira-refugio-de-dependentes-apos-operacao-da-pm.shtml>. Acesso em: 27/09/2012.

Prefeitura do Município de São Paulo. **Nova Luz** (Lei 14.096 de 12/8/2005). São Paulo, dez./2005.

NOTES

1. Nome dado pelos próprios agentes à sua prática.
2. Inicialmente, testou-se a distribuição de cachimbos de madeira, que de um modo geral não foram aceitos pelos usuários, já que preferiam manter o uso de cachimbos feitos com antenas de carros. Atualmente são entregues basicamente piteiras de silicone, protetores labiais (batons de manteiga de cacau) e preservativos, além de folhetos sobre o centro de convivência e formas de prevenção de várias doenças (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).
3. Vale assinalar, também, o contato estabelecido com Osvaldo Ataíde Norberto, então educador de rua e integrante da Fundação Projeto Travessia, cujo público alvo são crianças e adolescentes em situação de rua das áreas da região do Centro, inclusive a *cracolândia*. Para Osvaldo, a *cracolândia* não se limita a algo físico, visto que os usuários de crack “a levam para onde forem”, nem tampouco se resume propriamente ao uso do crack, pois as crianças e jovens usuários de crack “estabelecem relações mais amplas com moradores de rua, comerciantes, prostitutas, recicladores, camelôs etc.” (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).
4. Para uma discussão sobre a proliferação de entidades sociais e as relações de competição entre as mesmas no contexto paulistano, ver Magalhães Jr. (2011). Sobre a atuação de entidades especificamente na região central de São Paulo, ver De Lucca (2011).
5. Evento intitulado “Usos e intervenções no bairro da Luz”, ocorrido em 27/11/2009 no prédio de Ciências Sociais da USP e promovido pelo GEAC, que contou com a participação de Cleone Santos (Centro de Formação Mulher e Grupo Mulher, Ética e Libertação) e Bruno Ramos Gomes (É de Lei).
6. Nesse artigo, adotamos a expressão *mulheres em situação de prostituição*, pois é a forma utilizada por ambas as entidades pesquisadas (Pastoral da Mulher Marginalizada e GMEL), contrárias à regularização da profissão e, por conseguinte, ao uso do termo *profissionais do sexo*. Utilizamos, ainda, os termos *prostituta* e *prostituição*, muito acionados nas falas e expressões nativas. Para uma reflexão mais detida sobre a profissionalização da prostituição e o uso das diversas nomenclaturas, ver Martins (2003) e Simões (2010a, 2010b).
7. Para uma reflexão sobre etnografias cidadinas marcadas pela mobilidade e caminhadas em áreas centrais, ver a pesquisa de Claudia Fonseca (1996) sobre a sociabilidade feminina e trajetórias de prostitutas no centro de Porto Alegre, e o estudo de Silva e Milito (1995) entre crianças moradoras de rua no centro do Rio de Janeiro.
8. Entre eles: Márcia, que trabalha voluntariamente na Pastoral e que participa do trabalho desenvolvido pela entidade com as mulheres em situação de prostituição da área do Parque da Luz; João Silva, que trabalhava na Pastoral, mas que atualmente está concentrado no trabalho com o GMEL.

9. Nessas caminhadas, inclusive, Cleone apresentou o prédio conhecido como Edifício 69, todo utilizado para a prostituição. Segundo ela, os apartamentos são subdivididos e até 15 mulheres (além de alguns cafetões) trabalham nos mesmos, que ao final do dia devem pagar por volta de R \$100,00 para o responsável. Enquanto homens sobem e descem, as mulheres ficam nas portas e corredores de roupa íntima, “como carne no açougue”, comentou Cleone. Para esta, muitas ficam lá por parecer um local mais seguro, embora várias acabem se endividando com as diárias e terminem por ficar presas ao Edifício 69.

10. A Associação fica no primeiro andar e ocupa duas salas: na primeira, acontecem os encontros e são guardados diversos materiais, como material impresso, documentos, máquinas de costura, computador, colchas, quadro branco e máquina de café; na segunda, um depósito, guarda-se tecido, enchimento e outros materiais de costura.

11. Segundo Cleone, a Associação Viva Mulher se mantinha financeiramente com recursos oriundos da Congregação Jesus Maria José, sendo a irmã Joana o principal contato entre ambas as instituições e responsável pela prestação de contas, ou seja, por guardar os recibos das contas pagas por meio dos recursos disponibilizados pela Congregação. Com o anunciado fim da parceria com tal congregação, Cleone começou a articular a possibilidade de um apoio financeiro por meio de um pool de empresas a ser contatado pelos metodistas. Contudo, os problemas financeiros da Associação continuaram nos meses seguintes. Cleone negociou com a Santa Casa, proprietária dos imóveis da rua em que fica a Associação, a permanência na sede. Sobre a possibilidade de financiamento por parte de um grupo evangélico, grupo com o qual estava propondo uma parceria, Cleone afirmou que eles financiariam caso o projeto envolvesse conversão das mulheres. Ela não aceitou, pois não concorda com a questão da conversão: “é difícil pensar em Deus com a barriga vazia”. Em fevereiro de 2010, já sem a sede, a Associação continuava com os trabalhos nas ruas da região da Luz, mas só com três multiplicadoras, incluindo ela mesma.

12. A ordem varia, mas o trajeto percorre a R. Senador Feijó, passa pelo Lgo. São Francisco, Pça. Ouvidor Pacheco e Silva, R. Libero Badaró, Viaduto do Chá, Teatro Municipal, Lgo. Paissandu – onde segundo Cleone começam as “bocas”, com as drogas, roubo e prostituição – e depois a Av. Cásper Líbero. Outro trajeto, por exemplo, inicia pela Pça. Roosevelt, atravessa a R. Consolação e a Av. Ipiranga, passa pelo Edifício Copan, segue pela Pça. da República, vira na R. dos Timbiras, segue à R. do Triunfo, até enfim chegar à R. Mauá.

13. Em outro acompanhamento que fizemos, foi possível presenciar um bate-boca envolvendo uma travesti e uma mulher em frente à estação. Um homem, carregando uma criança que deveria ter dois anos, estava na porta na entrada da R. Mauá e observava a discussão. Segundo Cleone, era o cafetão da travesti, pois ficava mandando-a “voltar a fazer o serviço”.

14. Mouvement du Nid, criado pelo padre André-Marie Talvas. Conferir o site da entidade: <http://www.mouvementdunid.org/Une-breve-histoire-du-Mouvement-du> [acesso em 29/10/2012].

15. Conforme Maria Augusta, ao citar a Bíblia: Mateus 21:31: *Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus.*

16. Ver www.pmm.org.br [acesso em 20/09/2012].

17. Sua decisão de ingressar na Pastoral vem do hábito de ser voluntária. Foi educada em colégio salesiano em Barretos, onde aos domingos, chamados de Domingos de Oratório, as portas eram abertas e os estudantes, junto com as freiras, passavam o dia com crianças pobres, com quem brincavam e contavam histórias, limpavam, catavam piolho, serviam lanche, faziam roda, cantavam música, além dos momentos de oração e benção. Depois, participou do grupo de jovens da Paróquia, cujas atividades eram mais arrojadas, como a construção de casas ou idas para as vilas.

18. Sobre as relações familiares das prostitutas, ver Bacelar (1982), Moraes (1995) e Fonseca (1996). Bacelar (1982) observou, em pesquisa na zona do Maciel na Bahia, mulheres realizando

programas em sua própria residência. Moraes (1995) pesquisou, em uma zona de prostituição no Rio de Janeiro, Vila Mimosa, a atuação de mulheres que moram em seus lugares de trabalho. Fonseca (1996) observou que as relações familiares são fundamentais para compreender o universo da prostituição feminina, marcado por pontos de tensão com os filhos, namorados ou maridos.

19. Sobre a sociabilidade feminina nesses espaços, ver Fonseca (1996).

20. Tampouco as agentes da Pastoral podiam confirmar se os nomes informados pelas mulheres com quem tivemos contato durante o trabalho de campo eram reais ou “de guerra”, como costumam denominar os pseudônimos que adotam para tal atividade.

21. Segundo a agente Marta, é comum mulheres em situação de prostituição terem sofrido algum abuso sexual na infância e adolescência.

22. Os aspectos econômicos da prostituição têm uma significativa importância discursiva. Como aponta Gaspar (1985, p.86), as precárias condições socioeconômicas condicionam “uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição”. Assim, segundo a autora, “a prostituição surge então como um recurso quase legítimo para a falta de dinheiro” (p. 98). Mas embora a questão econômica seja decisiva e talvez a motivação principal, outros fatores também podem explicar o ingresso na prostituição. Segundo a autora (1985, p.93), suas trajetórias são marcadas por histórias dramáticas, principalmente quando relembradas no contato com diferentes interlocutores (clientes, assistentes sociais, namorados etc.).

23. Contato intermediado por Cleone Santos, João Silva inicialmente não aceitou agendar uma conversa, pois a Pastoral passava por um processo de mudança de gestão, e como o momento era delicado, ele não queria ser prejudicado. Porém, após a insistência de Cleone, ele concordou em agendar um encontro num bar próximo à R. Rêgo Freitas e à estação de metrô Santa Cecília.

24. A casa utilizada durante o período da pesquisa já não é a sede atual da associação. Atualmente, o espaço é utilizado por uma entidade jurídica criada dentro da entidade, mas que se desligou da Pastoral e se tornou o Serviço à Mulher Marginalizada (que combate o tráfico de mulheres).

25. Segundo João Silva, a cafetinagem pode ser relativa à pessoa e ao espaço. Por exemplo, pode haver num local quatro ou cinco mulheres trabalhando para alguém e muitas vezes a relação que estabelecem com esse alguém é afetiva, pois a pessoa abre a casa para morar, de certo modo acolhe, mesmo que tenham que pagar por dia a moradia. Assim, segundo João, a mulher não sente a exploração, o que diferenciaria o gigolô e o cafetão. A servidão estaria incutida: “ele pode me explorar, pois cuida de mim”. João relatou que a cafetinagem relativa às travestis é pesada e contou de um caso, ocorrido no Centro, em que as calçadas eram divididas de modo que, para se fazer programa, pagava-se por dia R\$50,00 em uma e R\$30,00 do outro lado da rua. A cafetina era uma travesti que batia e espancava as outras, até o dia em que foi morta. Num primeiro momento, fez-se festa com sua morte, mas depois consideraram que no seu tempo o programa era melhor, pois não havia tanta concorrência na calçada. Segundo João, o cafetão impede a concorrência, pois controla o número de pessoas e faz acordos com a polícia. Neste caso, o cafetão é o mediador.

26. Sobre a atuação de mulheres mais velhas na prostituição, que utilizam, além da aparência e beleza, diversas estratégias para exercer a prática, ver Fonseca (1996).

27. Para uma abordagem histórica da prática em São Paulo, ver Rago (1991), que realizou uma pesquisa sobre os discursos jurídicos, médicos e jornalísticos acerca do universo da prostituição.

28. Sobre a mobilização das prostitutas, organização de demandas e formação de associações, ver Simões (2010b) e Carmo *et al* (2011). Este último analisa a atuação da ONG Davida, que criou a grife Daspu.

29. Em sua crítica à expulsão dos moradores e frequentadores da Luz e do Centro para os bairros periféricos da cidade, Cleone citou exemplos de pessoas prejudicadas. Uma delas foi Geralda, que, segundo Cleone, morava na Luz, mas teve seu sobrado demolido, com uma compensação

financeira de R\$ 4 mil. Passou a morar com a irmã em Franco da Rocha. Além da prostituição, Geralda trabalhava numa empresa de limpeza e perdeu o emprego por causa dos atrasos, por conta do deslocamento. Desse modo, segundo Cleone, Geralda perdeu a casa, a privacidade e o trabalho. Afirmou, ainda, que no Centro, mais especificamente na Luz, mesmo com o movimento fraco, sempre aparece alguém conhecido e se pode ganhar R\$20,00 ou R\$30,00 por dia. Num bairro longínquo, segundo Cleone, a situação fica mais complicada.

30. Sobre o trabalho evangelizador na região central da cidade em períodos anteriores, conferir De Lucca (2011), que aborda o trabalho junto à população de rua realizado pela Organização do Auxílio Fraternal (OAF) desde a década de 1970.

31. A localização na região da Luz consta no site <http://www.missaocena.com.br/asp/historia.asp> (acesso em 16/10/2012).

32. Segundo ele, nas quadras demolidas em 2007 havia mercados, um atelier de costura, um sacolão, lanchonetes, brechós, hotéis para prostituição e lojas de informática.

33. Ver artigo sobre moradores da região da Luz (FRÚGOLI JR; CHIZZOLINI, 2012) que compõe esse Dossiê.

34. A Primeira Igreja Batista do Brasil conta com algo chamado de “Ministério Missões”, espécie de órgão da estrutura burocrática da Igreja que cuida dos projetos ditos “sociais”. Assim compõe-se a “Junta de Missões Nacionais”, instituição responsável por administrar a verba destinada pela Igreja para os diversos projetos assistenciais.

35. Uma referência direta, em contraponto, à *cracolândia*.

36. “Radical” é o termo nativo usado para se referir às pessoas engajadas no trabalho voluntário “Radicais Brasil”, da PIB. Os voluntários são frequentadores da Igreja no Brasil inteiro. O trabalho, tal como explicaram Rafael e Gerson, dois voluntários, não é remunerado e dura cerca de seis meses. A PIB oferece moradia e alimento aos voluntários que no trabalho lidam diretamente com os usuários de crack, responsáveis pelo aconselhamento, encorajamento à internação, alimentação, banho e participação nos cultos e orações. Em suas falas, procuraram sempre destacar o aspecto de “sacrifício” do esforço dos voluntários: saem de seus lugares de origem para morar por um longo tempo num lugar que desconhecem, abandonam faculdade, emprego, tudo para poder cuidar de pessoas necessitadas.

37. Espécie de slogan que foi adotado e passou a marcar presença no discurso e na iconografia por eles adotada: nas camisetas, nos banners, internet etc.

38. A aposta nesse discurso está presente desde o começo do trabalho de campo com a PIB. Quando ainda etnografávamos seu trabalho nas tendas da Pça. Júlio Prestes, Soraia nos disse que eles tentavam trabalhar com a autoestima dos usuários, bem como tentar ficar amigos deles, para então poder intervir de alguma maneira, por exemplo, contatando a família. Alguns dos que recebiam auxílio continuavam próximos ao projeto, atuando como voluntários. Esse é o caso de Jarbas, que conseguiu abster-se da droga por alguns meses e inserir-se no projeto enquanto não teve a recaída que o levou de volta às ruas. Essa classe específica de voluntários era chamada comumente de “recuperados”.

39. Como aponta Magnani (2009a, p.136), são técnicas de pesquisa dependentes uma da outra; se a primeira é programada e contínua, a segunda, descontínua e imprevista, induz a “prática”.

40. Projeto Quixote e a Fundação Projeto Travessia foram abordados em artigo anterior sobre a atuação de entidades sociais na região da Luz (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010).

41. Sobre este aspecto é importante lembrar o caso da formação da Cristolândia, em parte devida às dificuldades para conseguir autorização da Prefeitura para continuar atuando na Pça. Julio Prestes; os batistas, além dos problemas com as proibições do poder público, relataram o incômodo manifestado pela Igreja Católica com relação ao trabalho na Cristolândia porque atrairia os usuários de crack para as imediações do Colégio Coração de Jesus – muito embora também reconhecessem o apoio do padre, que diversas vezes teria oferecido roupas e alimentos para o projeto.

42. É relevante ter em conta que a pesquisa que desenvolvemos com a PIB ocorreu posteriormente à pesquisa com a CENA.

43. O que fora também verificado por Selma Silva (2000) em seu estudo etnográfico sobre as mulheres e uso do crack na região da Luz. A pesquisadora observou conflitos entre as prostitutas que fumavam crack e as que não faziam uso, principalmente no que diz respeito ao barateamento do preço ou realização de programas sem o uso de preservativos.

ABSTRACTS

Este artigo tem como objetivo analisar as ações de entidades sociais que atuam na região da Luz junto a diferentes públicos e segmentos da população local. A partir de uma etnografia das ações de entidades que atuam junto a mulheres em situação de prostituição e de entidades vinculadas a igrejas evangélicas que atendem diferentes públicos vulneráveis (sobretudo usuários de crack e moradores de rua), procuramos acompanhar, identificar e analisar espaciais, redes de relação locais e representações que assinalam esse campo de relações e mediações, com o desafio de compreender dinâmicas urbanas e cotidianas que reconfiguram a região da Luz, marcada pela presença de uma multiplicidade de atores e entidades sociais.

The aim of this article is to analyse the action of social organizations in the Luz district with different people and segments of the local population. Taking into account an ethnography of the actions of organizations that work with female prostitutes and with bodies linked to evangelical churches that attend various vulnerable groups (above all users of crack and the homeless), we try to accompany, identify and analyse spatial practices, networks of local relationships and representations which characterize this field of relations. One of the challenges is to understand the daily urban dynamics in the Luz district, marked by the presence of multiple actors and social organizations.

INDEX

Keywords: social organizations, uses of the space, networks of relationships

Palavras-chave: entidades sociais, usos do espaço, redes de relação

AUTHORS

ENRICO SPAGGIARI

Doutorando em Antropologia Social/PPGAS-USP

WESLEI ESTRADIOTE RODRIGUES

Mestrando em Antropologia Social/PPGAS-USP

ISADORA ZUZA DA FONSECA

Graduada em Ciências Sociais/FFLCH-USP